



SOBRE MULHERES: LITERATURA, GÊNERO E IDENTIDADES

Ivanildo da Silva Santos – UFPB¹
Rayssa Kelly Santos de Oliveira – UFPB²
Hermano de França Rodrigues – Orientador³

RESUMO

Guiando-nos pelos estudos Queer, pretendemos, neste artigo, identificar os marcadores de gênero que definem, no romance *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, o posicionamento e a caracterização das personagens femininas. As nuances do movimento realista não foram capazes de suplantar as ideologias discriminatórias que, desde épocas longínquas, subalternizam e esfacelam o corpo e a identidade de inocentes e incontáveis mulheres. O drama e as experiências vividos por Rita, Fidélia e D. Carmo, no texto machadiano, colocando-nos diante de um processo cultural perverso, suscetível de promover diásporas entre seres humano. Nosso arcabouço teórico compreende as teorizações de Michel Foucault, em sua *História da Sexualidade* (2011) e os estudos de Judith Butler (2010) sobre as transgressões da ordem sexual.

Palavras-chave: Gênero. Literatura. Feminino.

INTRODUÇÃO

As personagens femininas nas obras de Machado de Assis são representações do Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do XX numa sociedade burguesa. Suas mulheres vivenciam temas sobre amores, infidelidade, casamento, maternidade que configuram a aparente discrepância sobre o modelo e estereótipos determinados e cobrados pela Igreja e Estado como os padrões de comportamentos aceitos pela sociedade brasileira da época (BOSI, 2007, p.11). Pretendendo fugir da realidade que buscava calar essas mulheres a modelos pré-determinados, a obra de Machado revela a capacidade feminina de “inverter” as condições da realidade excludente, dotando suas heroínas de atitudes que revelam uma mulher que busca traçar sua própria história apoiada na sua realidade, e não em modelos determinados sob o discurso masculino.

¹ lvisudjass19@yahoo.com.br

² Rayssa@live.com.au

³ hermanorg@gmail.com



A obra *Memorial de Aires* (2013) é um objeto de análise privilegiado por retratar um momento de importantes mudanças na sociedade brasileira. Em uma perspectiva sociológica trataremos de expor através dos Estudos Culturais contemporâneos uma visão das relações sociais que permeiam algumas personagens femininas. Seu valor como documento coloca-o como um romance de cunho social por descortinar os conflitos que surgiram devido as grandes transformações sociais advindas dos interesses de uma nova moral burguesa. Através das personagens femininas Rita, Fidélia e D. Carmo, notamos como a mulher brasileira do século XIX estava resignada a família e a procriação. Porque a sociedade brasileira era determinada por uma regência patriarcal.

A Teoria Queer ajudará a compreender como as relações de poder e hierarquia determinam a invisibilidade de indivíduos excludentes na sociedade. Compreendendo como as estruturas das relações de poder na sociedade segregam-se as questões de gênero e sexualidade. Através de suas representações explicaremos como os dispositivos históricos de poder configuram o sexo a padrões de utilidade e regulação social (FOUCAULT, 2011,85). E como os conceitos de sexo, gênero e sexualidade elaboram-se a partir de um novo prisma através dos estudos teóricos de Judith Butler.

1. A Sociedade Patriarcal Brasileira do Século XIX

Durante a metade do século XIX, a sociedade brasileira passou por enormes transformações devido aos novos hábitos e valores impostos pelos interesses da moral burguesa. Com a sociedade disposta a rever seus aspectos sociais mais conflitantes em busca de uma acelerada “normalização” correspondendo às transformações sociais ocorridas na Europa. Houve uma significativa alteração na organização social do país, principalmente, com a substituição da tradição patriarcal pela burguesa. Através do discurso médico houve uma redução do poder do pater famílias pela participação da mãe como responsável pelos filhos e pelos cuidados domésticos.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A política higienista da medicina no Brasil causou grandes transformações sociais devido à “adoção de modelos teóricos europeus”. A medicina propõe novas mudanças de caráter social porque acreditava que seria necessário “elaborar uma política de saúde que cuidava de mudar os hábitos e os valores nocivos da tradição”. Isto ficaria conhecido como um projeto de medicalização da sociedade. Sendo assim, o exercício dessas novas práticas de poder no Brasil alterou substancialmente as relações familiares, como notamos no trecho abaixo:

“A integração da família à ordem urbana foi um dos objetivos mais arduamente perseguidos pela medicina higienista. Nesse sentido, elaborou uma política de saúde que cuidava de mudar os hábitos e os valores nocivos da tradição, de estabelecer uma nova ética das relações afetivas que orientasse o comportamento dos indivíduos em todas as circunstâncias da vida privada e social.” (MURICY, 1988, p.14)

Por mais que tenham ocorrido mudanças significativas nas relações familiares estaria longe de uma emancipação da mulher que continuava submetida ao discurso masculino, que a configurava a um modelo de ideal feminino de mãe e esposa. Não alterando seu papel de submissão e resignação na sociedade patriarcal. Devido diversas transformações na sociedade resultado da industrialização e urbanização na Europa e Estados Unidos, vários grupos adotaram e disseminaram ideais sociais que idealizaram a religião e educação como fatores determinantes nas relações de poder, como uma maneira de impor comportamentos sociais aceitáveis.

No entanto, sabemos que ao longo da história a religião serviu como legitimador das práticas sociais que naturalizaram a mulher aos padrões de comportamentos femininos aceitos pela Igreja e Estado. Limitando a ao espaço da casa e fortalecendo o discurso masculino em detrimento do feminino. Notamos esta discrepância sobre poder masculino x feminino no trecho abaixo:

O mundo sempre pertenceu aos machos. (...) Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la em opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p.99).



Nota-se nesse período uma sujeição da mulher à religião, marido e sociedade, porque estes detinham o poder e controlavam o meio social.

2. As Personagens Femininas Machadianas em *Memorial de Aires*: modelos do ideal feminino

Há três personagens que protagonizam o romance *Memorial de Aires* são: Rita, D. Carmo e a viúva Fidélia. Elas são representadas num período de enormes transformações nas relações sociais na sociedade brasileira motivada pela urbanização e início do capitalismo. Em face da nova realidade a família manteve-se fiel a sua estrutura patriarcal. O casamento era visto como uma necessidade econômica. Era o homem que determinava os deveres e direitos dentro do lar. Ele era antes de qualquer coisa proprietário: das terras, da mulher e dos filhos. Notamos os traços dessas representações através das características e concepções masculinas e burguesas sobre casamento e família na obra. Segundo Silvano Santiago (1978),

“(...) o conceito de casamento restringe a expansão livre do sentimento, pois o amor é um sentimento enjaulado pela cerimônia cristã (o casamento), e é este que possibilita a constituição da família. É pois o universo do amor machadiano asséptico, formal, são, rígido. É ainda masculina e burguesa a sua concepção de casamento. Amar é casar, é comprar título de propriedade (SANTIAGO, 1978, p.56)”.

As três personagens configuram o ideal feminino. Porque refletem traços dos estereótipos determinados pela sociedade patriarcal. Vejamos seus principais traços. Vemos em Rita, irmã de Aires, um modelo de fidelidade perpetua. Capaz de colocar a fidelidade ao defunto é uma maneira de mostra-se fiel a sua memória. Então, ela silencia-se ao luto e viuvez. Na passagem notamos toda a devoção ao marido falecido,

“Fomos ao cemitério. Rita, apesar da alegria do motivo, não pôde reter algumas velhas lágrimas de saudade pelo marido que lá está no jazigo, com meu pai e minha mãe. Ela ainda agora o ama, como no dia em que o perdeu, lá se vão tantos anos. No caixão do defunto mandou guardar um molho dos seus cabelos, então pretos, enquanto os mais deles ficaram a embranquecer cá fora (ASSIS, 2013, p.10)”.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Entretanto a personagem D. Carmo representa o amor extremo, a infertilidade e maternidade. O modelo ideal de mulher dedicada ao casamento e esposo. Ela é conciliadora, a todo o momento mostra-se disposta a acolher aqueles que necessitam de um colo materno. Ela sofre calada, porque os seus medos, sofrimentos e decepções nunca deve sair do seu mundo “privado”. Notamos no trecho abaixo as características de sua personalidade,

A dona de casa, afável, meiga, deliciosa com todos, parecia realmente feliz naquela data; não menos o marido. (...) D. Carmo possui o dom de falar e viver por todas as feições, e um poder de atrair pessoas, como terei visto em poucas mulheres, ou raras. Os seus cabelos brancos, colhidos com arte e gosto, dão à velhice um relevo particular, e fazem casar nela todas as idades (ASSIS,2013,p. 19).

Mas a viúva Fidélia era a personagem que o narrador compara a Julieta de Shakespeare. Devido ter se envolvido com um rapaz de família inimiga, e ter casado contra a vontade da família. Observamos em Fidélia, uma personagem com coragem suficiente para desafiar as normas sobre amor e casamento impostas pela sociedade. Ela sofre o luto pelo marido, até Tristão conseguir reavivar o amor em sua vida. No entanto, ao torna-se viúva silencia-se ao modelo de ideal feminino aceitável.

Era moça, vestia de preto, e parecia rezar também, com as mãos unidas e prudentes. (...) E bonita, e gentilíssima, como ouvi dizer de outras em Roma (ASSIS, 2013, 11).

O que essas mulheres teriam em comum? Todas eram submissas e resignadas à sombra do discurso masculino patriarcal. Havia uma moral ética imposta para determinar todas as ações da mulher na família. O casamento não era uma opção em suas vidas, para Machado “o casamento é um ponto de partida”. A família era fundada na conduta patriarcal em que o homem era o chefe e detentor de todas as escolhas. Cada uma das personagens femininas no *Memorial de Aires* representa a fidelidade abnegada, submissão e obediência ao marido. Machado de Assis com seu moralismo aparente regula o comportamento de cada uma de acordo com os preceitos que serviam como elementos decisivos para colocar a família

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



como um regulador da vida social. Para ele a família é o equilíbrio do convívio em sociedade.

Além disso, todas as personagens femininas na obra mostram-se submissas diante da figura do esposo. Por isso o casamento é apresentado como uma fidelidade quase que perpétua para elas. Observamos esse nível de posse na viúva Fidélia ao usar um colar no pescoço com um pingente do marido. Porque mesmo morto ainda permanece presente na vida dela.

3. Dispositivos do poder –saber em Michel Foucault

Segundo Michel Foucault, o dispositivo histórico do poder é algo recorrente e característico na nova ordem social do Ocidente, a partir do século XVIII. Este dispositivo inseriu o sexo em sistemas de utilidades de regulação social, os quais possuiriam quatro aspectos principais: a saturação do corpo feminino através de sua capacidade reprodutiva, a imposição de padrões aos comportamentos como forma de normatizar o prazer-perverso, a pedagogização do sexo da criança, e as condutas de procriação.

Michel Foucault, desenvolve seu conceito sobre dispositivo em sua obra *História da Sexualidade*, especialmente *A vontade de saber*. No entanto, é na entrevista que presta a International Psychoanalytical Association (IPA) sua melhor definição para o termo,

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos dos dispositivos. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2000, p. 244).

Mas para Foucault os dispositivos seriam “discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos” juntamente com as práticas discursivas e não discursivas que são elementos que constituem as instâncias do poder e do saber contribuindo para a construção dos dispositivos. Para



Deleuze, há três dimensões a analisar os dispositivos para Foucault que seriam (Saber, Poder e Subjetividade).

Percebemos que pelos dispositivos que o poder disciplinar é controlador dos espaços, corpo, liberdade e necessidades biológicas. Além da punição para os indivíduos considerados a margem na sociedade (mulheres, homossexuais, negros, etc.). Os dispositivos vão excluir o sujeito desviante colocando sua convivência e pensamento a práticas da subcultura social.

Em *História da Sexualidade, a vontade de saber*, Michel Foucault explica-nos como as instituições excluem, sanciona ou pune o sujeito que mostra se desviar do padrão normativo das instituições sociais,

Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras (FOUCAULT, 2011, p.10.)

As sanções silenciam os “outros sociais” impedindo uma visibilidade além dos discursos construídos pelo senso comum da sociedade.

4. Judith Butler: corpos transgressores e subvertidos

A teórica queer, Judith Butler em seu livro *Problemas de Gênero* busca uma desconstrução das identidades-padrão propondo um pensamento mais abrangente empreendendo uma mudança epistemológica. A teórica considera a sexualidade socialmente construída. Seu objetivo é apontar a “incoerência” da identidade de gênero, porque as normas regulatórias do sexo pressupõem uma necessidade de



adequar aqueles que serão sujeitos “abjetos” (aqueles que escapam do ideal normativo).

O indivíduo "desviante" será colocado a uma margem de exclusão na sociedade por desviar sua rota da trajetória "normal". Sua transgressão aos planos pré-definidos o colocará na posição do "outro": o diferente, o marginal, o subversivo. Mas será que este "corpo" assumirá os padrões que regem sua cultura? Nas palavras de Louro (2008).

As normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual. (LOURO, 2008, p.44)

Na citação acima notamos que Louro (2008) retoma os pensamentos de Judith Butler (2010), reconhecendo que os sexos dos sujeitos são construídos a partir de “normas regulatórias” que incessantemente são repetidas e reiteradas para que a materialização dos corpos. Essas normas regulatórias da sociedade possibilitam de uma maneira compulsória a constituição dos corpos que não se ajustam a heterossexualidade. Judith Butler (2010) argumenta que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”. Ou seja, os corpos não assumem as normas que impõem sua materialização. Nesse aspecto, o corpo opõe se tanto aos objetivos do sujeito quanto as normas sociais.

Compreendemos assim que o gênero é um processo que não tem origem ou fim. Butler afirma, que “todo gênero é por definição, não natural”.

Considerações finais

Compreendemos que os efeitos sociais são determinantes importantes na construção dos discursos que permeiam a construção da subjetividade dos indivíduos na sociedade. As transformações sociais construíram termos ou conceitos sobre a “mulher” e o “homem” que o colocaram em posições relativamente discrepantes. Mas o mesmo paradoxo possibilitou a visibilidade das fissuras existentes nos dispositivos reguladores.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas

